

Comparação da Alternância Indicativo/Subjuntivo

Astrid Franco Barbosa

UFES

Serra, Espírito Santo, 29175-509, Brasil

astridfb@terra.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo comparar os resultados encontrados para a alternância de formas indicativas e subjuntivas nos trabalhos de Rocha (1997 – Rio de Janeiro/Brasília) [4], Carvalho (2007 – Cariri) [2], Oliveira (2007 – João Pessoa) [3], e Barbosa (2011 – Vitória) [1], possibilitando identificar as similaridades e as diferenças presentes na alternância de modo pesquisada na região Sudeste/Centro-Oeste e na Nordeste. Foi-nos possível proceder à comparação dos trabalhos citados, pois foi utilizada a mesma metodologia: seleção do *corpus*, codificação dos dados e, em seguida, utilização do programa GOLDVARB X para realização da análise estatística.

0 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo comparar os resultados encontrados para o estudo da alternância de modo – indicativo x subjuntivo – nos trabalhos de Rocha (1997), Carvalho (2007), Oliveira (2007) e Barbosa. Apesar de cada um destes trabalhos representar uma comunidade de fala distinta, respectivamente, Rio de Janeiro/Brasília, Cariri, João Pessoa e Vitória, foi possível proceder à comparação porque os quatro estudos utilizaram o mesmo procedimento metodológico, bem como definiram as mesmas variáveis independentes.

Os trabalhos aqui apresentados comungam dos preceitos da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguística, implementada por Weinreich, Labov e Herzog (2006) [5]. Esta teoria preconiza a importância de nos debruçarmos tanto sobre as variáveis lingüísticas quanto sobre as sociais no intuito de entendermos a variação existente na língua. No caso da variação aqui estudada, destacam-se as variáveis lingüísticas, principalmente, a carga semântica do verbo da matriz e o grau de assertividade que foram selecionadas em todos os trabalhos aqui comparados.

1 CARGA SEMÂNTICA DO VERBO DA MATRIZ

A carga semântica do verbo da matriz tem sido considerada, por pesquisadores da alternância de modo, de suma importância para o entendimento do fenômeno, haja vista que a semântica do verbo é a responsável, muitas vezes, pelo uso de uma ou de outra forma verbal por parte do falante que não faz o uso consciente dessas formas, salvo os casos em que, por possuir um nível de consciência apurado, o falante se monitora no uso do indicativo e/ou do subjuntivo.

Na análise da carga semântica os verbos foram divididos em três grupos:

- i. verbos não-factivos volitivos, não-factivo não-volitivo, e emotivo ou avaliativo: campo de expectativa do subjuntivo;
- ii. verbos indiferentes de opinião e suposição, indiferentes de suposição, e indiferentes de opinião: campo de expectativa de alternância;

- iii. verbos factivos não-emotivos não-avaliativos, e indiferentes performativos/condicionais: campo de expectativa do indicativo.

1.1 Campo de expectativa do subjuntivo

Na tabela 1 podemos observar que somente os dados de Oliveira (2007) foram analisados individualmente. Não nos foi possível agrupá-los para que em todos os trabalhos a análise fosse a mesma, pois a autora quando do agrupamento dos verbos o fez a partir da amalgamação dos mesmos.

Tabela 1 Campo de expectativa do subjuntivo

Rocha (1997) – R//Brasília		Carvalho (2007)- Cariri		Oliveira (2007) – João Pessoa		Barbosa (2011) - Vitória	
Não-factivo, volitivo	74%	Voliti-vos	97%	Querer 100% Esperar 95% Desejar 100%	Não-factivo volitivo	79%	
Não-factivo, não- volitivo	79%			Permitir 100% Pedir 95% Deixar 100% Ter medo 100%	Não-factivo, não-volitivo	80%	
Factivo emotivo ou avaliat.	59%			Gostar 100%	Factivo emotivo ou avaliat.	20%	

Verificamos que no campo de expectativa de uso da forma subjuntiva esta prevalece nos trabalhos do Nordeste com pouca e algumas vezes nenhuma variação. No entanto, no Sudeste/Centro-Oeste há variação, ou seja, nessas regiões a entrada da forma indicativa no campo de expectativa da forma subjuntiva é mais acentuada. Salientamos que em Vitória o resultado para o verbo *gostar*

(emotivo ou avaliativo) distingue-se do encontrado nas demais cidades. Isso ainda será por nós estudado.

1.2 Campo de expectativa de alternância

No campo de alternância de formas indicativas e subjuntivas, verificamos que há um equilíbrio nos resultados encontrados, exceto em João Pessoa em que a frequência relativa de uso da forma subjuntiva é menor do que nas demais cidades.

Tabela 2 Campo de expectativa de alternância

Rocha (1997) – RJ/Brasília		Carvalho (2007) – Cariri		Oliveira (2007) – João Pessoa		Barbosa (2001) – Vitória	
Indiferente-opinião e suposição	41%	Verbos cognitivos	45%	Imaginar 25% Pensar 4% Acreditar 21% Crer 2%	Indiferente-opinião e suposição		48%
Indiferente de suposição	6%			Parecer 0%	Indiferente de suposição		0%
Indiferente de opinião.	4%	Verbo cognitivo	12%	Achar 2%	Indiferente de opinião.		7%

Somente no Rio de Janeiro/Brasília temos a ocorrência da forma subjuntiva com o verbo *parecer* na matriz. O verbo *achar* destaca-se no desfavorecimento do uso da forma subjuntiva em todas as comunidades de fala pesquisadas.

1.3 Campo de expectativa do indicativo

No campo de expectativa de uso da forma indicativa a frequência relativa de uso da forma subjuntiva é desfavorecida, principalmente em João Pessoa. A cidade de Vitória é a que mais favorece o uso da forma subjuntiva, conforme a tabela 3. Logo, o subjuntivo tem entrado no campo de expectativa de uso do indicativo com mais frequência.

Tabela 3 Campo de expectativa do indicativo

Rocha (1997) – RJ/Brasília		Carvalho (2007) – Cariri		Oliveira (2007) – João		Barbosa (2001) – Vitória	
Factivo não-emotivo não-emotivo	4%	Verbo factivo	3%		Factivo não-emotivo		18%
Indiferente performativo/condicional	17%	Verbo <i>dicendi</i>	12%	Dizer 2%	Indiferente performativo/condicional		27%

2 GRAU DE ASSERTIVIDADE

A segunda variável independente selecionada em todos os trabalhos é o grau de assertividade.

A negação na matriz, que foi controlada em todos os trabalhos, é favorecedora do uso da forma subjuntiva em todas as cidades comparadas. Em seguida, temos a dupla negação – negação na matriz e na encaixada, que foi controlada no Rio de Janeiro/Brasília e no Cariri. Somente no Cariri a afirmação na matriz com negação na encaixada (0,73) favoreceu o uso da forma subjuntiva. Acreditamos que devemos, futuramente, debruçarmo-nos sobre essa variável para entendermos o porquê deste desfavorecimento nas demais cidades, pois estamos trabalhando com a negação.

A afirmação na matriz e na encaixada só favorece a forma subjuntiva no Rio de Janeiro/Brasília (0,59), no entanto esse favorecimento é bem menos acentuado do que o da negação na matriz e o da na matriz e na encaixada. Já a interrogativa só foi produtiva no Sudeste, no entanto não houve confluência de resultados: no Rio de Janeiro/Brasília houve um desfavorecimento do uso da forma subjuntiva (0,17), enquanto Vitória apresenta quase um equilíbrio no uso das formas indicativas e subjuntivas (0,47).

3 CONCLUSÃO

Verificamos, portanto, que os resultados acima nos mostram que o fato de duas comunidades de fala estarem situadas em uma mesma região não significa que o uso da forma indicativa ou da subjuntiva será o mesmo, ao contrário, percebemos que cada comunidade de fala tem a sua especificidade que pode estar diretamente relacionada ao contato lingüístico ao qual ela foi exposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Barbosa, A. F. *A alternância de formas indicativas e subjuntivas na fala de Vitória (ES)*. Vitória: UFES, 2011, 211p. Dissertação, Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo.
- [2] Carvalho, H. M. *A alternância Indicativo/Subjuntivo nas Orações Subjuntivas em função dos Tempos Verbais Presente e Imperfeito na Língua Falada do Cariri*. Fortaleza: UFC, 2007, 159p. Tese, Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará.
- [3] Oliveira, M. do C. de. *O uso do modo verbal em estruturas de complementação no Português do Brasil*. Brasília:UNB, 2007, 141p. Dissertação, Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília.
- [4] Rocha, R. C. F. da. *A alternância Indicativo/Subjuntivo nas Orações Subordinadas Substantivas em Português*. Brasília: UNB, 1997, 123p. Dissertação, Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília.
- [5] Weinreich, U.; Labov, W.; Herzog, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marco Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.